



2019.2 . Ano XXXVI . Número 38

CALÍOPE

Presença Clássica

separata 7

2019.2 . Ano xxxvi . Número 38

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

separata 7

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
REITORA Denise Pires de Carvalho

Centro de Letras e Artes
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

Faculdade de Letras
DIRETORA Sonia Cristina Reis

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira
VICE-COORDENADORA Arlete José Mota

Departamento de Letras Clássicas
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz
SUBCHEFE Eduardo Murtinho Braga Boechat

Organizadores
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Editoração
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto
Bruna Esther da Silva Andrade | Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

Comparando representações: o *Agésilau*¹ de Xenofonte e o de Plutarco

Luis Filipe Bantim de Assumpção

RESUMO

Agésilau II foi um dos agentes políticos mais influentes na passagem do séc. IV A.E.C. A sua proeminência se tornou emblemática em virtude da sua participação em interações político-militares de Esparta, da Lacedemônia, do Peloponeso e da Hélade como um todo. Entretanto, as suas relações políticas obtiveram resultados que, em muitas ocasiões, desenvolveram tensões e conflitos entre esparciatas, helenos e persas. Nesse sentido, muitas foram as representações elaboradas sobre esse *basileús* e, dentre elas, as que mais se destacaram foram a de Xenofonte e a de Plutarco. Partindo da metodologia comparativa de Marcel Detienne em *Comparar o incomparável*, selecionamos comparáveis para tentarmos perceber as motivações desses autores clássicos para representar Agésilau em conformidade com seus próprios interesses e ao lugar social em que estavam inseridos em suas respectivas sociedades e períodos.

PALAVRAS-CHAVE

Agésilau; Esparta; Período Clássico; Estudos comparativos.

SUBMISSÃO 03.01.2020 | APROVAÇÃO 17.02.2020 | PUBLICAÇÃO 03.04.2020

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v2i38.31400>



singularidade político-cultural de Esparta fez com que os seus valores e costumes integrassem um dos temas recorrentes da cultura popular contemporânea quando o assunto lida com a Antiguidade helênica. Nesse contexto, destacamos a diarquia lacedemônia como um elemento específico da cultura política de Esparta entre os períodos Arcaico e Helenístico.

Em uma Hélade marcada pela emergência da democracia ateniense, a existência de uma dupla realza chamou a atenção de pensadores antigos e modernos no Ocidente, cujo caso mais emblemático foi o da bela e heroica morte de Leônidas I na batalha das Termópilas (480 A.E.C.). Embora esse *basileús* tenha se tornado reconhecido na tradição ocidental, o nosso enfoque recairá sobre Agesilau II e a maneira como esse foi representado na documentação literária da Antiguidade.

Ainda que menos conhecido, Agesilau reinou na dinastia Euripôntida em um momento emblemático para a *pólis* de Esparta, afinal, a sua autoridade político-militar abarcou o desenvolvimento da supremacia espartana entre os helenos com o final da Guerra do Peloponeso (404 A.E.C.), assim como a sua desestruturação na batalha de Leuctra (371 A.E.C.). Autores da historiografia – como Charles Hamilton, Paul Cartledge e John Buckler² – chegaram a afirmar que a postura política de Agesilau foi a responsável pelo esfacelamento dos valores tradicionais de sua *pólis*, outro indício da sua relevância para a história de Esparta.

Embora não compartilhemos dessa perspectiva historiográfica, não podemos negar que Agesilau foi um dos homens mais proeminentes de sua sociedade, o que influenciou o modo como os seus contemporâneos observaram e julgaram as suas atitudes. Imersos nessa perspectiva, temos como objetivo analisar as representações de Agesilau desenvolvidas pelo ateniense Xenofonte (na obra *Agesilau*) e o beócio Plutarco (na *Vida de Agesilau*), mas também como ambos caracterizaram a trajetória política, social e militar do *basileús* lacedemônio. Interessa-nos problematizar as possíveis motivações de Xenofonte e Plutarco as

quais levaram esses autores a representarem Agesilau II em uma parcela de seus escritos. Portanto, discorreremos sobre a trajetória desses autores para tentarmos identificar a intencionalidade de suas representações do *basileús* Agesilau II.

Visando corresponder aos nossos objetivos, selecionamos o arcabouço teórico proposto pelo antropólogo Marcel Detienne. Em sua obra *Comparar o incomparável*, a sua concepção de um “comparativismo construtivo”,³ realizado através da comparação entre representações de sociedades distintas do passado, adequa-se à temporalidade dos autores de nossos documentos, sendo esse o nosso “campo de experimentação”. Afinal, mesmo que Xenofonte tenha falado de Agesilau e Esparta no séc. IV A.E.C., Plutarco realizou esse mesmo feito em conformidade ao contexto histórico do séc. II E.C. Logo, o fato de terem sido um ateniense e um beócio a representarem a *pólis* espartana e o *basileús* Euripôntida já ressalta a diferença entre sociedades e períodos históricos.

Ao delimitarmos o nosso objeto de investigação, cabe-nos determinar os “comparáveis” dessa análise. Detienne os definiu como “[...] mecanismos de pensamento observáveis nas articulações dos elementos arranjados conforme [uma] entrada”.⁴ Mediante o apresentado e imersos no discurso que Xenofonte e Plutarco desenvolveram sobre Agesilau II tomamos como “comparáveis”: 1) a sua interação com os “bárbaros” e 2) a sua política pan-helênica.

Antes de discorrermos sobre a comparação de nossos “comparáveis”, devemos considerar certos pormenores quanto às figuras de Xenofonte e Plutarco. O primeiro foi um ateniense considerado um “homem de ação”, nas palavras de Pierre Pontier, devido a sua trajetória como escritor e guerreiro.⁵ Com premissas aproximadas a Pontier, John Lee destacou que Xenofonte teria nascido por volta de 430 A.E.C. e presenciado toda a transformação pela qual Atenas perpassou em virtude da Guerra do Peloponeso. Lee considerou que poucos tiveram a envergadura literária e a experiência de vida de Xenofonte, o qual conviveu com Sócrates, foi mercenário dos persas, atuou junto a Esparta, viveu anos no exílio e ainda teve a sua cidadania restabelecida no final da vida.⁶

Nesse sentido, devemos considerar os escritos de Xenofonte em conformidade com suas experiências de vida, que influenciaram diretamente na maneira como este concebeu a sua relação político-social com o mundo que o circundava.

Direcionando-nos para o *Agésilau* de Xenofonte, Rosie Harman⁷ afirmou que essa obra detém uma intensa carga política, com a qual o autor almejava que o seu leitor se identificasse com o *basileús* homônimo ao elogio. Retomando os argumentos de John Lee,⁸ no *Agésilau*, Xenofonte idealizou a conduta do Euripôntida e de sua *pólis* no período em que exerceram a supremacia sobre os helenos. John Dillery pontuou que Xenofonte, ao exaltar os feitos e tecer elogios a Agésilau, pretendia que os seus leitores se identificassem com a conduta do Euripôntida e notassem os benefícios de uma vida exemplar.⁹ Em uma análise mais ousada, Édouard Delebecque¹⁰ defendeu que o *Agésilau* edificou uma representação do *basileús* lacedemônio que coincidissem com o ideal pan-helênico de Atenas na década de 350 A.E.C. Delebecque sugeriu que o *Agésilau* estaria propondo uma reflexão social sobre a realidade ateniense no início da segunda metade do séc. IV A.E.C.

Nesse sentido, Marie-Pierre Noël¹¹ parece corroborar todas as ideias levantadas pela a historiografia acima. Segundo a autora, o *Agésilau* de Xenofonte tinha o objetivo de servir como paradigma para as ações de um governante ideal, cuja sabedoria e experiência eram suficientes para punir os seus inimigos e beneficiar os seus amigos. Conjeturando as palavras de Noël, em virtude dos enfrentamentos da primeira metade do séc. IV A.E.C. e dos desgastes sociais, econômicos, políticos e materiais inerentes a esse cenário, Agésilau foi representado como um herói cuja conduta poderia reverter esse cenário. Logo, verificamos que o contato direto que Xenofonte manteve com Esparta e Agésilau influenciou na sua descrição dos feitos do *basileús* lacedemônio. Imerso nessa via, o comportamento político-militar de Agésilau – mesmo quando excessivo – era digno de elogio por ter se mantido focado no bem comum dos helenos diante da ameaça maior que era o Império Aquemênida.

Plutarco, por sua vez, foi considerado pela modernidade europeia um dos maiores autores helênicos da Antiguidade. Do mesmo modo, o beócio transitou de forma bem-sucedida entre a cultura da Hélade e a de Roma, como se comprovou pelas *Vidas paralelas* e pela comparação de tradições e elementos culturais de ambas.¹² Nas palavras de Mark Beck,¹³ Plutarco não vivenciou o “auge” da cultura e da literatura helênicas, mas presenciou a emergência da Segunda Sofística. Esse movimento cultural forneceu novo fôlego à literatura e as tradições da Hélade durante o período imperial romano.¹⁴ Em seu projeto mais ambicioso – as *Vidas paralelas* – Plutarco promoveu a comparação (*synkrisis*) dos aspectos constitutivos da grandeza política e guerreira dos biografados, sendo esses dois campos fundamentais para se comprovar as virtudes masculinas (*aretê*) na Antiguidade Clássica.¹⁵

Philip Stadter complementa Mark Beck, ao afirmar que a ideia de traçar como os governantes agiram e como deveriam ter agido seria uma inclinação platônica herdada por Plutarco.¹⁶ Para o beócio, o treinamento pessoal – tanto por meio do esforço individual quanto pela a educação – era a “chave” para se controlarem as paixões, em vista de um objetivo maior, sendo essa característica inerente à “verdade da natureza humana”. Desse modo, as *Vidas paralelas* pressupunham que os leitores partilhassem da lógica moral dos biografados.¹⁷

Assim como Xenofonte, Plutarco se utilizou da figura dos “bárbaros” para potencializar as atitudes de Agesilau interessadas com o bem-estar de sua sociedade e da Hélade. Todavia, os “bárbaros” apresentados por Xenofonte não eram uma ameaça para a sociedade de Plutarco, isto é, Roma (séc. I e II E.C.). Portanto, o objetivo fundamental de Plutarco era de se utilizar da representação existente do *basileús* Euripôntida e dos seus esforços pan-helênicos para transmitir aos seus interlocutores um exemplo de conduta política e militar.

Devemos recordar que o fim da dinastia júlio-claudiana trouxe certa instabilidade para a sociedade romana, com o sangrento evento do Ano dos Quatro Imperadores (68-69 E.C.), sendo sucedido pela dinastia flaviana. Assim, apesar de Plutarco

escrever no período de Trajano (membro da dinastia Antonina), notamos que ele tentou demonstrar para a elite romana como as ações desmedidas poderiam se tornar a desgraça de um governante, como Nero e Domiciano.¹⁸ Esse teria sido um apelo do pensador beócio para que Trajano não cometesse os mesmos erros de muitos que o precederam. Portanto, se considerarmos os objetivos fundamentais das *Vidas paralelas*, mas, em particular os da *Vida de Agesilau*, Plutarco estaria interessado em fornecer exemplos de conduta para que Trajano pudesse superá-los em qualidade e virtude, para tornar-se um baluarte do poder imperial romano.

O elemento ético inerente ao argumento de Xenofonte e Plutarco nos leva a considerar um tópico fundamental em nossa investigação. Embora o ateniense tenha redigido um *encômio* a Agesilau destacando as suas virtudes morais como homem e governante, o pensador de Queroneia não deixou de exaltar e criticar inúmeras atitudes do *basileús* lacedemônio. Essa aparente similitude estaria associada ao fato de que Xenofonte foi instruído no pensamento e na filosofia socrática, e que Plutarco é considerado um dos precursores da Segunda Sofística. Interessamos pensar que Platão e Xenofonte, ao manifestarem as suas inclinações socráticas, redigiram e propuseram teorias pautadas na capacidade do sujeito em aprimorar a sua conduta, por meio do exemplo que obtiveram com outros homens. Com isso, nos Período Clássico da Hélade, Platão e Xenofonte edificaram um modelo de conduta ética e virtuosa que se fundamentou na figura de Sócrates. Dessa maneira, sugerimos que essa tendência tenha se feito presente em Plutarco, em virtude de toda a tradição literária e filosófica que se aprimorou/recuperou com a Segunda Sofística.

Apesar de não podermos atribuir a figura de Plutarco a alcunha de “socrático”, também não estaríamos de todo equivocados se considerássemos que o mesmo tomou parte de seus estudos na Academia de Platão.¹⁹ Desse modo, o filósofo de Queroneia esteve imerso na lógica platônica, possivelmente herdada de Sócrates e na qual Xenofonte fora educado. Posto isso, ambos os autores selecionados nesta análise partilharam de ideais semelhantes devido a formação que tiveram, muito embora a

discrepância cronológica de um pensador para o outro tenha influenciado o estilo literário de cada um dos mesmos.

Como esclarecemos, tanto Xenofonte quanto Plutarco tiveram o objetivo fundamental de apresentarem as virtudes éticas de Agesilau, embora cada qual manifestasse interesses diversos com as suas respectivas obras. No início de sua caracterização de Agesilau, Xenofonte (*Agesilau*, 1.3) assegurou que o *basileús* Euripôntida era digno de elogios pelo fato de vir da *pólis* mais importante da Hélade e por sua família ser a mais honrada em Esparta, além de descender de Hércules. Devemos recordar que o autor ateniense tinha motivos especiais para tecer este tipo de louvor à Lacedemônia e a Agesilau por todo o auxílio que recebera após ser exilado de Atenas.

Plutarco (*Vida de Agesilau*, 1.1-3), por sua vez, apresenta a linhagem de Agesilau a partir de seu avô, passando por seu pai e irmão – os dois últimos chegaram a reinar na dinastia Euripôntida –, e a maneira como foi educado para destacar a sua proeminência como governante. Plutarco salientou que, para além da boa estirpe, fora a tradição de Esparta que garantiu a Agesilau o preparo necessário para ser um bom governante. Aqui, notamos que o biógrafo beócio pontuou o quão relevante seria para um líder obedecer às leis de sua sociedade, ideia essa que garantiria a manutenção dos valores ancestrais e o ordenamento de sua *pólis*. Quase que por uma perspectiva de causa e efeito, ambos os escritos destacam que a origem de Agesilau seria uma justificativa plausível para a sua grandiosidade como sujeito e governante.

No que tange aos nossos *comparáveis*, Xenofonte (*Agesilau*, 1.6-7) afirmou que, pouco depois de assumir o trono, Agesilau propôs ao governo de Esparta uma expedição à Ásia Menor – domínio do Império Aquemênida – para evitar que os rumores de que uma grande frota estava sendo construída para confrontar os helenos se tornasse realidade. As palavras do ateniense ilustram que a postura do Euripôntida, diante das ameaças persas, mesclava-se a sua tentativa de preservar a autonomia da Hélade. Em Xenofonte, a iniciativa de enfrentar o “Grande Rei” em seus domínios partiu do próprio Agesilau, sendo essa um indício da sua

virtude, do seu caráter superior e do preparo que detinha para comandar.

O discurso de Plutarco (*Vida de Agesilau*, 6.1) se assemelha àquele que Xenofonte desenvolveu na *Helênica* (III, 4.2), afinal, Agesilau teria se prontificado a partir para a Jônia devido à persuasão do *esparciata* Lisandro.²⁰ Nos dizeres de Plutarco, fora o navarco *esparciata* quem levou Agesilau a guerrear contra os “bárbaros” em nome da Hélade. Em um primeiro momento, Plutarco fornece a impressão de que Agesilau aceitou a proposta de Lisandro de viajar para a Ásia Menor, o que difere de Xenofonte acerca da sua iniciativa. Entretanto, o discurso do beócio (*Vida de Agesilau*, 6.4-5) se modifica pouco depois, quando garantiu que o *basileús* teve um sonho no qual era impelido a agir tal como Agamemnon, ou seja, liderar os helenos em uma guerra contra os “bárbaros”. Uma vez que Agesilau perpassou pelo processo de formação espartano, seria de se esperar que respeitasse o sagrado e a tradição políade acima de qualquer coisa, portanto, o seu sonho foi concebido como uma mensagem divina e deveria ser obedecido. Nesse momento, Agesilau assume o interesse e a responsabilidade de realizar feitos semelhantes ou superiores aos do lendário “comandante dos aqueus”.

Ainda que dotados de motivações distintas, Xenofonte e Plutarco culminaram em um ponto semelhante, onde a necessidade de se combater os bárbaros – independentemente dos motivos – remetia ao ideal pan-helênico. Tal perspectiva se tornou fundamental nesses pensadores pela necessidade de se demonstrar uma motivação comum para que os helenos deixassem de lado as suas contendas pessoais e voltassem a atuar em conjunto pelo bem da Hélade.

É justamente nesse viés que se insere a edificação de uma imagem pejorativa dos “bárbaros” como “inimigos” das *póleis*. No entanto, não podemos generalizar essas representações, sobretudo, no que concerne a Xenofonte. Isso porque alguns “bárbaros” proeminentes foram elogiados em seu *Agesilau*, tais como Otis e Farnábazo. Por outro lado, coube a Tissafernes o modelo de conduta “bárbara” a ser combatido em toda e qualquer situação,

por aqueles dotados de virtude. No *Agesilau* (1.10-11), o *káranos*²¹ das *satrapias* da Ásia Menor, Tissafernes, foi ao encontro do lacedemônio para propor uma trégua, com a qual esperava conseguir a independência da Jônia junto ao “Grande Rei”. Esse posicionamento logo se mostrou enganoso, pois, Tissafernes solicitou guerreiros para enfrentar Agesilau e os seus homens. Mesmo o persa agindo dessa maneira, o *basileús* lacedemônio manteve a trégua sem dolo. O discurso de Xenofonte estaria conjecturando aspectos da índole do *basileús* lacedemônio e do comandante persa. Enquanto Agesilau era virtuoso, piedoso e dotado de honra, Tissafernes era ímpio e sem palavra – característica possivelmente comum à maioria dos “bárbaros”. Plutarco (*Vida de Agesilau*, 9.1-2, 10.3) narrou esses eventos de forma semelhante a Xenofonte, concluindo com a assertiva de que Tissafernes era o homem mais abominável e odiado pela raça dos helenos.

Tanto Xenofonte (*Agesilau*, 1.28) quanto Plutarco (*Vida de Agesilau*, 9.5) complementaram a diferença moral entre “bárbaros” e helenos através da aparência física, afinal, o excesso de luxo dos persas tornava os seus corpos flácidos. Já os homens da Hélade tinham o preparo necessário para serem os melhores, seja em relação aos seus corpos seja no que dizia respeito à sua conduta. Em seus respectivos escritos, os autores afirmaram que Agesilau fez questão de despir os “bárbaros” aprisionados e apresentá-los aos seus guerreiros. Afinal, a palidez e a flacidez dos seus corpos fariam com que os helenos considerassem estar combatendo com mulheres.

Por fim, em seu percurso de volta à Hélade, após dois anos saqueando as *satrapias* da Ásia Menor, Agesilau recebeu a notícia de que muitos helenos haviam morrido na batalha de Nemeia (394 A.E.C.), e lamentou: “Ai de ti, ó Hélade! Aqueles que agora estão mortos seriam suficientes para vencermos todos os bárbaros em combate, caso estivessem vivos” (XENOFONTE, *Agesilau*, 7.5). Plutarco (*Vida de Agesilau*, 16.4) apresenta uma exclamação semelhante e dotada do mesmo sentido. Embora todos os trechos analisados perpassassem pelos nossos *comparáveis*, esse último

excerto insere Agesilau em uma ótica diferenciada de atuação. Após analisarmos o discurso de ambos os autores, esses nos chamam a atenção sobre a lógica do dever a ser cumprido em conformidade à preservação de sua *pólis*. Caso contrário, Agesilau preferia combater todos os “bárbaros” ao invés de sacrificar um único heleno.

Mediante a análise proposta, concluímos que o elogio de Xenofonte a Agesilau pretendia edificar uma representação pan-helênica de um governante que lutou em inúmeras circunstâncias a favor das *pólis* do Egeu. O *Agesilau* de Xenofonte também seria uma advertência aos helenos da década de 350 A.E.C. sobre a maneira como deveriam agir – em benefício da Hélade e contra os “bárbaros” – ao invés de digladiarem entre si. Já Plutarco teria objetivado demonstrar aos seus interlocutores – helenos e/ou romanos – que na Hélade houve exemplos concretos e tentativas de se unificarem os interesses de suas sociedades. Entretanto, as lutas intestinas foram mais fortes e levaram as *pólis* a sua destruturação. Portanto, caberia aos romanos seguirem os exemplos morais de homens como Agesilau, bem como evitarem os seus excessos, para que Roma não tivesse o mesmo destino da Hélade. A representação do pan-helenismo de Agesilau estaria associada à necessidade de moderação de um líder, pois, embora as tensões entre os helenos fossem inevitáveis, a sua experiência guiá-los-ia contra os verdadeiros inimigos da Hélade. Tal premissa se associa ao viés da obra de Xenofonte, porém, se pensarmos as tensões oriundas do período de Plutarco, a figura de seu Agesilau manifesta a necessidade de o governante ser guerreiro e sábio para conduzir os seus homens e a sua sociedade à vitória sobre os seus inimigos. Logo, ao compararmos as representações de Agesilau, verificamos que os pressupostos éticos se tornaram fundamentais para que os autores, cada qual em sua época, transmitissem os seus respectivos objetivos políticos às suas respectivas audiências.

ABSTRACT

Agesilaos II was one of the most influential political agents during IVth century BC. His prominence has become emblematic because his participation in political-military interactions of Sparta, Lacedaemonia, Peloponnese and in Hellas as a whole. However, his political relationship has obtained results that, on many occasions, developed tensions and conflicts between Spartiates, Hellenes and Persians. In this context, the most prominent representation of Agesilaos were those of Xenophon and Plutarch. Through the theoretical perspective of Marcel Detienne in *Comparing the Incomparable*, we select comparables to understand the authors' motivations to represent Agesilaos in their respective societies and periods.

KEYWORDS

Agesilaos; Sparta; Classical Period; Comparative Studies.

DOCUMENTAÇÃO

PLUTARCH. **Lives v:** Agesilaus and Pompey; Pelopidas and Marcellus. London: William Heinemann, 1917.

XENOPHON. **Hellenica:** books I-V. Trans.: C.L. Brownson. London: William Heinemann, 1918.

_____. **Scripta Minora.** Trans.: E.C. Marchant; G.W. Bowersock. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1968.

REFERÊNCIAS

ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de. **As redes e as conexões políticas de Esparta e Agesilau II no século IV:** um exercício de história cruzada. Tese de doutorado, UFRJ, Instituto de História, PPGHC, 2019.

BECK, Mark. Introduction: Plutarch in Greece. In: _____. (Ed.). **A Companion to Plutarch.** West Sussex; Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2014.

DELEBECQUE, Édouard. **Essai sur la vie de Xénophon.** Paris: Librairie C.Klincksieck, 1957.

DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável.** Trad.: Ivo Storniolo. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

DILLERY, John. Xenophon: the Small Works. In: FLOWER, Michael (Ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon.** Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HARMAN, Rosie. A Spectable of Greekness: Panhellenism and the Visual in Xenophon's Agesilaus. In: HOBDEN, Fiona; TUPLIN, Christopher (Ed.). **Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry.** Leiden; Boston: Brill, 2012.

LEE, John W.I. Xenophon and his Times. In: FLOWER, Michael (Ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon.** Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

NOËL, Marie-Pierre. Έγκώμιον ου έπαινος? Définitions et usages de l'éloge dans l'Évagoras d'Isocrate et l'Agésilas de Xénophon. In: PONTIER, Pierre (Dir.). **Xénophon et la Rhétorique.** Paris: PUPS, 2014.

PINHEIRO, Joaquim. **Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

PONTIER, Pierre. L'Agésilas de Xénophon: comment on réécrit l'histoire. **Cahiers des Études Anciennes** (CEA), 47, 2010, p. 359-383.

SCHMITZ, Thomas. Plutarch and the Second Sophistic. In: BECK, Mark. (Ed.). **A Companion to Plutarch**. West Sussex; Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2014.

SHAPOUR SHAHBAZI, A. The Achaemenid Persian Empire (550-330 BCE). In: DARYAEE, Touraj (Ed.). **The Oxford Handbook of Iranian History**. New York: Oxford University Press, 2012.

STADTER, Philip. Plutarch and Rome. In: BECK, Mark. (Ed.). **A Companion to Plutarch**. West Sussex; Oxford; Malden: Blackwell Publishing, 2014.

¹ Todas as vezes em que o nome de Agesilau vier em itálico, estaremos nos referindo à obra de Xenofonte e/ou de Plutarco.

² Respectivamente em *Agesilaos and the Failure of Spartan Hegemony* (1991), *Agesilaos and the Crisis of Sparta* (1987) e *Aegean Greece in the Fourth Century BC.* (2003). Como havíamos verificado, estas obras precisam ser consideradas em virtude do lugar de fala de seus respectivos autores. No que concerne as duas primeiras, os estudos de Hamilton e Cartledge foram dois dos primeiros elaborados acerca de Esparta em países anglófonos após a Segunda Guerra Mundial, afinal, grande parte dos valores político-culturais espartanos foram associados ao ideário nazista. Nesse sentido, a obra de ambos atribuiu os excessos de Esparta ao navarco Lisandro e a Agesilau. Esse posicionamento pretendia minimizar a imagem negativa que ainda havia sobre os espartanos, uma vez que a sua *pólis* não seria completamente responsável pela a ambição desmedida de seus homens. Já Buckler parece estar lutando para promover o seu objeto de pesquisa, isto é, a Beócia e a *pólis* de Tebas. Ainda que os estudos sobre Esparta sejam diminutos se comparados às análises sobre Atenas, as pesquisas sobre Tebas e a Beócia conseguem ser menores que aquelas sobre os espartanos. Dessa maneira, Buckler demonstra o seu interesse por enaltecer os feitos tebanos em detrimento a Esparta para endossar a importância de se desenvolverem estudos sobre Tebas e a Beócia (ASSUMPCÃO, 2019, p. 37-38).

³ DETIENNE, 2004, p. 47.

⁴ Idem, ibidem, p. 57.

⁵ PONTIER, 2010, p. 359-360.

⁶ LEE, 2017, p. 15-16.

⁷ HARMAN, 2012, p. 427.

⁸ LEE, 2017, p. 15.

⁹ DILLERY, 2017, p. 196.

¹⁰ DELEBECQUE, 1957, p. 461.

¹¹ NÔEL, 2014, p. 267.

¹² STADTER, 2014, p. 13.

¹³ BECK, 2014, p. 1.

¹⁴ SCHMITZ, 2014, p. 32.

¹⁵ BECK, 2014, p. 1

¹⁶ Mark Beck e Philip Stadter expuseram que Plutarco estudou na Academia de Platão em Atenas. No período do autor beócio a Academia ainda funcionava como um centro de conhecimento e estava sobre os cuidados do filósofo egípcio Amônio (BECK, 2014, p. 2; STADTER, 2014, p. 14).

¹⁷ STADTER, 2014, p. 21

¹⁸ PINHEIRO, 2010, p. 29

¹⁹ BECK, 2014, p. 2; STADTER, 2014, p. 14

²⁰ Lisandro foi um *esparciata* proeminente na passagem do séc. V para o IV A.E.C. A sua importância se materializou por ter sido o responsável pela a estratégia naval que pôs um fim a Guerra do Peloponeso. No entanto, a tradição documental – representada por Xenofonte, o historiador de Oxirrínco, Diodoro da Sicília e Plutarco – também manifestou que Lisandro foi *erast* de Agesilau, durante a juventude deste (ASSUMPCÃO, 2019, p. 102-103). Portanto, a figura de Lisandro é de suma importância para pensarmos a trajetória política de Agesilau, haja vista a maneira como o navarco influenciou, diretamente, o início da carreira do Euripôntida como líder militar.

²¹ Segundo Alireza Shapour Shahbazi, seria o equivalente a um “líder supremo” das *satrápias* ocidentais, fazendo com que todos os *satrapas* da região estivessem sob a sua autoridade (SHAPOUR SHAHBAZI, 2012, p. 130).